



## DANÇA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (DAPD): O OLHAR DE UM ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Gabriel Pereira da Silva<sup>152</sup>

[gabrielpsilva822@gmail.com](mailto:gabrielpsilva822@gmail.com)

Lionela da Silva Corrêa<sup>153</sup>

[Lionela@ufam.edu.br](mailto:Lionela@ufam.edu.br)

Letícia Cavalcante Morais<sup>154</sup>

[leticia.ufam@hotmail.com](mailto:leticia.ufam@hotmail.com)

No decorrer dos tempos as pessoas com deficiência sofreram diferentes formas de exclusão passando pelo abandono, extermínio, superproteção, segregação, integração até chegar no processo de inclusão (GARGHETTI; MEDEIROS; NUERNBERG, 2013). Ainda nos dias de hoje apesar das políticas voltadas para a inclusão das pessoas com deficiência, fazendo a inclusão ser garantida por lei, muitas barreiras ainda precisam ser quebradas. As pessoas com deficiência ainda têm acesso negado a diversos tipos de atividades, como é o caso da dança, o argumento são diversos como a falta de capacitação, a falta de acessibilidade, a falta de serviços especializados dentre outros. A verdade é que ainda há muito preconceito frente a esse público. Isso porque, de acordo com Freire (1999) o mundo da dança, por muito tempo foi definido como um território só para os corpos perfeitos, “perfeitos” tanto no que se refere à ausência de deficiência físicas, quanto aqueles corpos definidos a partir do padrão exigido pelo balé clássico. E assim para muitas pessoas a dança e a deficiência não se relacionam, essa também era a minha visão antes de participar de um projeto de extensão universitária que oferece atividades de dança para pessoas com deficiência. Assim o objetivo desse trabalho é relatar sobre a minha experiência como acadêmico de educação física frente ao trabalho de dança para pessoas com deficiência em um projeto de extensão. O projeto dança para pessoas com deficiência - DAPD é um projeto de extensão da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEEF da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, vinculado ao Programa de Dança, Atividades Circenses e Ginástica – PRODAGIN, que tem como objetivo desenvolver as potencialidades motoras e expressivas de pessoas com deficiência a partir de atividades com dança, possibilitando também, o autoconhecimento, a autoestima, a socialização. As aulas são realizadas na sala de dança da FEEF, uma vez por semana tendo uma hora e meia de duração, a turma na qual vou relatar é composta por 19 alunos na faixa etária a partir de 18 anos, com diferentes patologias como: autismo, deficientes auditivos, síndrome de Down, entre outros. Logo que fui desafiado a participar de uma turma para pessoas com deficiência e certo que tinha pouco conhecimento, me veio o pensamento de que seria impossível que essas pessoas praticassem dança, levando em consideração suas limitações, porém ao entrar em contato com a turma pude notar que apesar de suas deficiências, eram capazes de realizar tal atividade. No começo foi um tanto embaraçador, pois não sabia como me comunicar com os alunos, mas aos poucos fui conhecendo a individualidade de cada um, ajudando-os em momentos que eles sentiam dificuldades, foi uma experiência um tanto desafiadora e gratificante, desafiadora por nunca ter trabalhado com pessoas com deficiência e ter pouco conhecimento sobre isso, e gratificante por poder vê-las realizar os passos de dança, aumentando sua autoestima e confiança. Nas aulas aplicadas os professores buscavam trazer para a turma movimentos que pudessem ser realizados por todos, desde do aquecimento até a

<sup>152</sup> Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>153</sup> Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – orientadora do projeto de extensão

<sup>154</sup> Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



coreografia, houve momentos que pude ver dificuldade de alguns alunos em realizar determinados movimentos, por mais simples que fossem. De acordo com Alves et al (2012) as pessoas com deficiência intelectual apresentam algumas características muito peculiares e distintas, que interferem diretamente na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento motor. De um modo geral, são mais lentas, com significativa perda de força, resistência, agilidade, equilíbrio, velocidade, flexibilidade e tempo de reação. No entanto aprendi no projeto que devemos focar nas potencialidades dos alunos e não nas dificuldades, ou seja, eu não posso deixar de passar um conteúdo só porque a princípio ele não consiga realizar ou eu acredite que ele nunca vai conseguir. Quanto a isso Maia e Boff (2008) apontam que é comum, quando se trata de pessoas com deficiência, sempre se enfocar os limites dele e não aquilo que ele é capaz de fazer. Atualmente, segundo Freire (1999) os trabalhos com dança estão revendo esse paradigma tradicional, questionando qual tipo de movimento pode constituir a dança e qual tipo de corpo pode constituir um dançarino. E é nesse contexto que a pessoa com deficiência tem se apresentado, e novas propostas de trabalho vêm sendo elaboradas de modo a explorar essa individualidade. Após me deparar com essa nova realidade (nova para mim) percebi que existem outras iniciativas e estudos sobre dança para pessoas com deficiência, mas é necessário que haja muito mais, para que a pessoa com deficiência possa praticar dança em qualquer lugar sem nenhum obstáculo. Conforme afirma Alves et al (2012), que esta possibilidade, de um novo paradigma artístico, é reflexo das tendências da arte e da dança que estão em constante mudanças, vinculadas a um processo mais amplo de mudanças sociais. Assim, segundo os autores, a dança para pessoas com deficiência é uma possibilidade, embora ainda se precise quebrar com resistências teóricas e práticas sobre as metodologias de dança, que se construíram ao longo dos anos, visando a construção de corpos perfeitos. Por fim, posso concluir que o projeto DAPD trouxe-me uma nova percepção sobre um grupo, que por muitos anos viveram a margem da sociedade, e em alguns aspectos ainda vivem, e expor iniciativas como essas (dança para pessoas com deficiência) que transformam e mudam o olhar da sociedade em relação a pessoa com deficiência, assim como mudou a minha.

**Palavras-Chave:** *Deficiência; Inclusão; Dança.*

### Referências

- ALVES, Flávia Regina Ferreira, et al. Proposta metodológica de dança para crianças com deficiência intelectual. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 101-112, 2012.
- GARGHETTI, Francine Cristine; MEDEIROS, José Gonçalves; NUERNBERG, Adriano Henrique. Breve história da deficiência intelectual. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, v.10, p. 101-116, 2013.
- FREIRE, Ida Mara. Compasso ou descompasso: a pessoa diferente no mundo da dança. **Ponto de Vista**. v. 1, n. 1, p.81-84, 1999
- MAIA, Aline Vidal; BOFF, Sérgio Ricardo. A influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com síndrome de down. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 144-154, 2008.